



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

**Criação de sentidos:
marcadores de estratégias
discursivas no original e em
traduções das peças “Três irmãs” e
“A gaivota”, de A. Tchekhov**

***Creating meanings: discourse strategies
markers and ways of rendering them in
the translations of A. Chekhov's plays
“Three sisters” and “The Seagull”***

Autor: Dmitry Gurevich

Edição: RUS Vol. 13. Nº 21

Data: Abril de 2022

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2022.195215>

GUREVICH, Dmitry. Criação de sentidos: marcadores de estratégias discursivas no original e em traduções das peças “Três irmãs” e “A gaivota”, de A. Tchekhov. RUS, São Paulo, v. 13, n. 21, pp. 99-124, 2022



Criação de sentidos: marcadores de estratégias discursivas no original e em traduções das peças “Três irmãs” e “A gaivota”, de A. Tchekhov

Dmitry Gurevich*

Resumo: As peças “As três irmãs” e “A gaivota”, de A. Tchekhov, têm uma particularidade linguística: a linguagem e o próprio discurso dos personagens são muito próximos da língua falada culta. A oralidade viva deixa a impressão de conversas cotidianas e rotineiras. O discurso russo cotidiano tem uma gama de meios pragmáticos especiais. Assim, em russo, o falante muitas vezes pressupõe uma parte da informação sem denominá-la com palavras de caráter descritivo-informativo, marcando a sua estratégia comunicativa do momento; muitas vezes faz-se uma avaliação implícita dos acontecimentos com meios não descritivos. Os valores pragmáticos podem ser marcados com meios lexicais específicos que não costumam ter equivalências regulares em português, por isso sua tradução nem sempre é possível ou nem sempre é adequada. É de notar que tal fenômeno não se deve à qualidade melhor ou pior da tradução, mas às regras de construção do discurso numa língua concreta.

Abstract: A. Chekhov's plays “Three sisters” and “The Seagull” have a linguistic particularity. The way the characters speak resembles the way educated people of the epoch spoke in life. The characters' vivid and natural speech creates spoken stylistic coloring of the text. Spoken Russian discourse has a wide range of pragmatic means that specify the discourse strategies of speakers. In Russian the speaker often presupposes some part of the information without explicitly articulating it by lexically determined means, and in this way one marks his or her actual discourse strategy. By using non-descriptive lexis one can also form implicit value judgements or mark involvement in actions. Such lexical means are usually language-specific, which makes their translation really intricate. It results in discrepancies between the original text and its translations. This fact does not undermine the translator's mission; it just highlights the difference in discourse structuring patterns that exist in different languages.

Palavras-chave: Marcadores discursivos; Tradução; Russo; Português, Tchekhov

Keywords: Discourse markers; Translation, Russian language; Portuguese language; Chekhov

1. Introdução

* Professor associado do Departamento de Línguas Ibero-românicas da Universidade Estatal Lomonossov de Moscou. Doutor em Estudos Românicos pela mesma universidade. <https://orcid.org/0000-0002-1941-8226>; dmtgrvch@gmail.com

As peças de Tchekhov que serviram como modelo para muitos dramaturgos do século XX têm certas particularidades entre as quais podemos destacar a renúncia da teoria tradicional da ação e o caráter da fala intencionalmente habitual, do dia-a-dia, dos personagens. De fato, as peças “Ivanov”, “Jardim das cerejas”, “As três irmãs”, “A gaivota”, comparadas com outros exemplos da dramaturgia russa da segunda metade do séc. XIX (as peças de N. Gógol, A. Ostróvski, M. Saltykov-Schedrin, A. Sukhovo-Kobylin, A. K. Tolstoi, entre outros), não se constroem com a base da teoria da ação que é clássica no teatro europeu desde Aristóteles, a teoria que envolve todos os personagens em um enredo comum com a culminação e desenlace obrigatórios. A exclusão de qualquer personagem principal de uma peça clássica, tradicional, causará a destruição da ação, mas isso não acontecerá nas peças tchekhovianas “As três irmãs” ou “A gaivota”. Por estranho que pareça, o afastamento de Macha, Irina, Olga, Tchebutykin ou mesmo Tuzenbakh em “As três irmãs”, assim como a expulsão de Medvedenko, Trepliov, ou Dorn em “A gaivota”, não terá importância crítica para a construção da peça ou para a sua percepção, apenas a transformará. A configuração livre de estrutura de personagens e a evidente ausência de ação, entendida tradicionalmente como aquela que passa consecutivamente por enlace, culminação e desenlace, dá uma impressão de que a ação representada no palco seja uma gravação de vídeo feita para documentar as relações quotidianas de pessoas que estão ligadas entre si, como parentes, vizinhos ou colegas. As relações mútuas dos personagens organizados deste modo, digamos, não são “obrigatórias”, não há intriga propriamente dita, mas há uma fixação de inter-relação de algumas pessoas em certo momento de sua vida. Com certeza, a interpretação

dramática do conteúdo da peça feita desse modo não é por acaso. Parece muito provável que Tchekhov quisesse tirar das suas peças a teatralidade supérflua, para fazer com que o seu teatro fosse menos teatro de praça, menos circense e grotesco. As entonações baixas, quase monótonas, as emoções, sejam elas fracas ou fortes, nem sempre têm explicação, nada de gestos ou expressões impressionantes, esses são os meios de interação verbal típicos dos personagens tchekhovianos.

Tal estilística exigia do autor uma instrumentária linguística apropriada. A língua falada usada na comunicação entre as pessoas cultas ou, melhor dito, a imitação literária dela foi utilizada por Tchekhov como um dos meios importantes para atingir os seus objetivos artísticos. O caráter bem coloquial dos diálogos dos personagens está muito próximo do registro informal e oral, mas não popular. Isso dá à peça um toque quotidiano, de rotina, criando o efeito de uma conversa ouvida ocasionalmente numa casa alheia, como se fosse ouvida pela janela.

Entretanto, a língua humana, principalmente a língua falada, possui algumas particularidades que são típicas de certos grupos sociais dentro de um povo e também típicas de povos inteiros. A essas particularidades D. Hymes denominou como a «etnografia da fala» (1962). Também essas particularidades são importantíssimas para uma análise completa da fala, de acordo com W. Labov:

Há muito o que fazer na descrição e na análise dos padrões de uso de línguas e dialetos dentro de uma cultura específica: as formas de “eventos de fala”; as regras para a seleção adequada dos falantes; as inter-relações entre falante, ouvinte, público, tópico, canal e contexto¹.

Podemos pressupor que alguns aspectos dos elementos de construção de texto que são importantes numa língua serão perdidos na tradução para outra. Não se trata aqui de diferenças evidentes entre vários sistemas linguísticos, o que não provoca discussão. Trata-se de componentes discursivos que não são gramaticalmente obrigatórios, mas são “normais” para o discurso construído de acordo com as regras de certo

¹ Labov, 2008, p. 216.

registro numa língua (por exemplo, registro informal russo) e não são próprios para o mesmo registro em outra língua (por exemplo, registro informal do português brasileiro). Ao mesmo tempo, o papel comunicativo de elementos não obrigatórios, mas característicos de uma língua, é importante para a percepção pragmática do texto. Surge, portanto, um problema de tradução, porque no texto traduzido aparecem apenas aqueles elementos (palavras, construções, locuções) que se consideram típicos da língua para a qual se faz a tradução. O objetivo deste artigo consiste em mostrar quais são os meios pragmáticos de construção de sentidos implícitos em textos com original em russo e quais são os seus equivalentes nas traduções para o português brasileiro. A fonte de dados foram as peças *As três irmãs* e *A gaviota*, de A. Tchekhov, em russo e em português do Brasil.

2. Quadro teórico

Para os fins do nosso estudo, é preciso atualizar: 1) alguns princípios da teoria de Atos de Fala, formulados por J. Austin e J. R. Searle, entre outros; 2) o esquema de elementos de comunicação proposto por R. Jakobson; 3) o fenômeno dos marcadores discursivos.

2.1. Atos de fala

Como se sabe, a teoria dos atos de fala teve seu início nos trabalhos de J. L. Austin (1962) e J. R. Searle (1969). A concepção de atos performativos proposta por J. Austin permitiu opor a constatação de uma situação dada (constativos) e a criação de uma situação nova (performativos), essa criação faz-se graças ao efeito de uma enunciação produzida pelo falante. A ideia de poder ter um efeito produzido pelas palavras, quaisquer que fossem (efeito perlocutivo), teve como consequência uma hipótese formulada por J. Austin de que qualquer enunciado implica consequências que o falante levava em consideração

e que devem ser “calculadas” pelo interlocutor (implicação de sentido). Além de ter uma implicação do sentido como consequência, cada enunciado tem como base uma condição informativa previamente feita (pressuposição), que sempre deve ser certa para que o enunciado seja aceite pelo interlocutor. O sentido complexo do enunciado fica, portanto, maior do que o seu conteúdo linguístico, que é formado apenas com o significado de palavras e de estruturas morfosintáticas, porque o sentido envolve, além do dito em voz alta, os componentes pressupostos e implicados.

As ideias de J. Searle permitiram fazer uma oposição entre o conteúdo proposicional que faz parte de qualquer enunciado, por um lado, e a forma que possa ter o enunciado. A forma é devida ao tipo de ato de fala (interrogativo, exclamativo, etc.). Em outras palavras, era a oposição entre aquilo que se dizia e o objetivo que o falante queria atingir. A forma do enunciado modelado de acordo com os fins comunicativos do falante correlaciona-se com o tipo do ato ilocutório, e por isso mesmo correlaciona-se com os objetivos comunicativos daquele que fala. Podemos fazer a seguinte observação: J. Searle formulou suas ideias apoiando-se nos pensamentos de Ch. Bally que fazia distinção entre o conteúdo da frase, que sempre é externo ao falante (dictum), e o componente subjetivo, que contém a interpretação individual do conteúdo pronunciado (modus) (Bally, 1944).

2.2. Esquema de elementos de comunicação

O esquema de elementos de comunicação proposto por R. Jakobson (Jakobson, 1960), além do remetente e do destinatário com funções emotiva e conativa, respectivamente, e além do contexto com a função referencial, inclui também a mensagem com a função poética, o contato com a função fática e o código com a função metalinguística. O próprio Jakobson considerava a função poética como a central e a definidora na arte verbal (literatura), porém o estudo dela não pode ser realizado fora da área dos problemas gerais da língua.

This function [the *POETIC* function of language] cannot be productively studied out of touch with the general problems of language, and, on the other hand, the scrutiny of language requires a thorough consideration of its poetic function. [...]. The poetic function is not the sole function of verbal art but only its dominant, determining function, whereas in all other verbal activities it acts as a subsidiary, accessory constituent. This function, by promoting the palpability of signs, deepens the fundamental dichotomy of signs and objects.²

A função metalinguística, subestimada no início, quando ela foi reduzida à uniformidade do código, isto é, à presença de uma língua comum no sentido mais lato da palavra, ganhou mais importância conforme o desenvolvimento da análise discursiva e estudos cross-linguísticos orientados para o descobrimento de unidades de sentido invariáveis em línguas diferentes. O princípio de equivalência do sentido no texto no original e no texto traduzido é a pedra-chave da teoria da tradução. É evidente que tal equivalência é baseada na função metalinguística do código quando a semântica da palavra de uma língua deve ser relacionada, direta ou indiretamente, com a semântica da palavra da outra língua. A função fática, relacionada com o contato, pressupõe a existência do contato psicológico, intelectual e emocional, que pode ser interpretado também como a presença comunicativa, e a qual é possível correlacionar com o princípio de cooperação formulado por P. Grice (1975) com as respectivas máximas conversacionais que em conjunto determinam as regras operacionais da interação verbal eficaz no sentido de J. Searle, que explicou o conceito da possível “falha de comunicação”.

2.3. Marcadores discursivos

O processo de interação verbal não só consiste na troca de informações mas também na promoção eficaz delas, que devem ser o mais confortável possível para o falante e para o interlocutor, no caso da comunicação oral, ou então para o autor e o leitor, no caso da comunicação escrita. Mas, ao mesmo

² Jakobson, 1960, p. 356

tempo, é sabido que os meios que fazem a comunicação eficaz variam, dependendo do discurso do registra da fala. Assim, no âmbito do registro informal (interação oral de caráter não oficial) é possível encontrarmos com frequência palavras e locuções que não descrevem a realidade material de nenhum lado, mas estão apenas orientadas ao falante ou à estruturação do discurso. Essas palavras e locuções, independentemente da sua natureza lexical ou morfológica, foram denominadas como *marcadores discursivos* ou *marcadores conversacionais* (Marcuschi 1989), (Portolés 1998), (Risso, Silva, Urbano, 2002), (Baranov, Plunguian, Rahilina, 1993), (Kisseleva, Paillard, 1998), entre muitos outros.

Esses marcadores fornecem a coerência pragmático-discursiva do texto, por um lado, e refletem de uma maneira imediata o processo de interação dos interlocutores. Os marcadores discursivos têm traços particulares que os destacam de outras classes de palavras:

Trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada (...) aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada³.

[Marcadores discursivos] como mecanismos verbais da enunciação, atuam no plano da organização textual-interativa (...); operam no plano da atividade enunciativa e não no plano do conteúdo; por isso mesmo são exteriores ao conteúdo proposicional e à informação cognitiva dos tópicos (...); entretanto, asseguram a ancoragem pragmática desse conteúdo, ao definirem, entre outros pontos, a força ilocutória com que ele pode ser tomado.⁴

Marcadores discursivos, embora não coincidam, em línguas diferentes, no que diz respeito à sua natureza lexical e morfológica, desempenham funções pragmáticas parecidas, porque servem para a codificação de uma informação pragmática. No entanto, nem sempre uma língua dispõe da lista de meios lexicais que codificam a informação pragmática de um modo comparável ao de outra língua. Em outras palavras, os marca-

3 Risso, Silva, Urbano, 2002, p. 21

4 Risso, Silva, Urbano, 2002, p. 53

dores de estratégias discursivas, típicas e “normais” para uma língua, só às vezes podem ser representados adequadamente em outra língua. Dependendo do tipo pragmático do contexto e do marcador no texto em original, eles podem estar ausentes do texto traduzido ou ser representados por palavras e construções variadas que não têm significado pragmaticamente fixo e estável fora do contexto.

Na parte 3 serão analisadas algumas estratégias de tradução de marcadores russos que têm o significado pragmático-discursivo fixo e são uns dos mais usados nas peças “As três irmãs” e “A gaivota”, de A. Tchekhov.

3. Análise de tradução

3.1. Textos analisados

Foram analisadas as peças “As três irmãs” e “A gaivota” em russo e as traduções para o português brasileiro. Para a análise do texto em russo foi usada a edição A.P. Tchekhov. Obras completas. Peças. T. 10. Moscou, Ed. Pravda, 1950.⁵ Para a análise do texto em português de “As três irmãs” foram escolhidas duas traduções: a tradução feita por Edla Van Steen e publicada na Global Editora, em 2008 (1a ed.); e a tradução feita por Tieza Tissi Barbosa como apêndice à sua dissertação de mestrado. Para a análise do texto em português de “A gaivota” foi escolhida a tradução feita por Rubens Figueiredo e publicada na Editora Cosac & Naify, em 2004. É preciso fazer uma observação: as traduções de Edla Van Steen e de Rubens Figueiredo foram feitas por tradutores e escritores profissionais, já a tradução de Tieza Tissi Barbosa não foi feita no âmbito de um projeto editorial que tivesse interesse comercial, mas foi realizada para os fins de um trabalho científico destinado à análise da encenação de “As três irmãs” feita por K. Stanislávski.

⁵ А.П. Чехов. Собрание сочинений. Пьесы. Том 10. Москва, Издательство Правда, 1950.

3.2. Marcadores discursivos analisados

Para a análise foram escolhidos os seguintes marcadores discursivos russos: *только; просто; все-таки; все же; у меня; у нас; у вас*. Também foi analisado o marcador português *então*, que têm alta frequência nas traduções. É preciso dizer que não todos os marcadores desempenham apenas o papel pragmático. Os lexemas e os sintagmas *просто; у меня; у нас; у вас* podem realizar a função referencial e fazer parte do conteúdo proposicional do enunciado, como em *Я бы не пошел на вашем месте... Очень просто* – “*Em seu lugar eu não iria... Muito simples.*” (As três irmãs); “*У меня дочь больна немножко*” – “*Minha filha não passa muito bem*” (As três irmãs). Contextos como estes não constituem objeto da análise porque o significado das palavras grifadas não ultrapassa a semântica do seu campo referencial.

3.2.1. Marcador discursivo *только*

Esse marcador tem várias funções em russo, mas as funções encontradas nas peças analisadas podem ser resumidas, grosso modo, às seguintes: 1) restrição do campo semântico vasto até ficar um elemento só (“*только три дня*” – “só / apenas três dias”); 2) avaliação negativa implícita do conteúdo pronunciado antes, ou seja “tudo menos isso” (“*это интересно, только я занят*” – “é interessante, só que / porém / mas estou ocupado”).

O marcador discursivo *только* aparece em “As três irmãs” e em “A gaivota” dezenas de vezes, fato que justifica sua alta recorrência na língua. Na maioria dos contextos *только* representa a restrição do campo semântico e costuma ter equivalência na tradução, muitas vezes correta:

(1) “As três irmãs”

Одной рукой я поднимаю только полтора пуда⁶

Com uma mão levanto só um pud e meio⁷

Com uma mão eu levanto só um pud e meio⁸

⁶ ТЧЕКHOV, 1950, p. 204. Grifo nosso.

⁷ VAN STEEN, 2008, p. 4. Grifo nosso.

⁸ BARBOSA, 2012, p. 112. Grifo nosso.

(2) “As três irmãs”

Я вас не помню, собственно, помню только, что вас было три сестры.⁹

Na verdade me lembro pouco das senhoras, sei apenas que eram três irmãs.¹⁰

Eu não me lembro da senhora, propriamente, lembro-me apenas que eram três irmãs¹¹

(3) “A gaivota”

ей только тридцать два года¹²

mamãe tem só trinta e dois anos¹³

No entanto, se o marcador *только* aparece no texto russo no sentido de avaliação negativa (“tudo menos isso”), não são raros os casos de tradução não exata ou mesmo incorreta, ou simplesmente o equivalente pragmático do marcador discursivo está omitido.

(4) “As três irmãs”

Хорошо, я пойду, только отстань, пожалуйста...¹⁴

Está bem, eu vou mas me deixe em paz, por favor.¹⁵

Está bem, eu irei, mas fique longe, por favor...¹⁶

(5) “As três irmãs”

Меня оберегали от труда. Только едва ли удалось обречь, едва ли!¹⁷

Preservaram-me do trabalho. Porém, não conseguiram me

9 ТЧЕКHOV, 1950, p. Grifo nosso.

10 VAN STEEN, 2008, p. 7. Grifo nosso.

11 BARBOSA, 2012, p. 138. Grifo nosso.

12 ТЧЕКHOV, 1950, p. 123. Grifo nosso.

13 FIGUEIREDO, 2004, p. 14. Grifo nosso.

14 ТЧЕКHOV, 1950, p. 213. Grifo nosso.

15 VAN STEEN, 2008, p. 12. Grifo nosso.

16 BARBOSA, 2012, p. 176. Grifo nosso.

17 ТЧЕКHOV, 1950, p. 205. Grifo nosso.

afastar dele por completo.¹⁸

Protegeram-me do trabalho. Mas eu duvido que tenham conseguido, duvido!¹⁹

(6) “A gaivota”

Хорошо, только через десять минут будьте на местах.²⁰

Muito bem, mas estejam em seus lugares daqui a dez minutos.²¹

(7) “A gaivota”

Кроме тебя, теперь у меня никого не осталось. Только зачем, зачем ты поддаешься влиянию этого человека?²²

Agora, não tenho mais ninguém, só você. Mas por que, por que você se submete à influência daquele homem?²³

Nos contextos (4) – (7) os tradutores optaram pela conjunção adversativa *mas* ou *porém*, que só em parte pode substituir o significado do russo *только*. Em russo existem as adversativas *но*; *однако*, que podem ser consideradas como equivalentes exatos das adversativas em português. Os contextos em russo implicam, além do valor adversativo, uma avaliação negativa do conteúdo da frase à esquerda do marcador, mesmo em (6) que marca um acordo um tanto forçado, que explica a presença da frase com *только*. As conjunções *mas* e *porém* opõem o conteúdo da frase à esquerda e o conteúdo da frase à direita, que é função principal das adversativas, mas não pressupõem nenhuma avaliação da frase à esquerda. Essa diferença é notável em (7): em russo a pergunta que começa com *только* pressupõe a inexistência de resposta aceitável (não tem resposta), já em português a pergunta com *mas* não descarta a possibilidade de tal resposta (tem resposta). Em russo

18 VAN STEEN, 2008, p. 4. Grifo nosso.

19 BARBOSA, 2012, p. 118. Grifo nosso.

20 TCHEKHOV, 1950, p. 122. Grifo nosso.

21 FIGUEIREDO, 2004, p. 12. Grifo nosso.

22 TCHEKHOV, 1950, p. 145. Grifo nosso.

23 FIGUEIREDO, 2004, p. 69. Grifo nosso.

a troca de *только* por *но* mudaria esse subtexto, como *но* a pergunta passaria a ter respostas aceitáveis.

Em (8) – (11) nos deparamos com a ausência de equivalente na tradução

(8) “As três irmãs”

И только растёт и крепнет одна мечта...²⁴

E Ø²⁵ anseio cada vez mais e mais...²⁶

(9) “As três irmãs”

Надо только, чтобы Наташа не узнала как-нибудь о проигрыше.²⁷

Natacha Ø não deve ficar sabendo que ele perdeu no jogo.²⁸

(10) “As três irmãs”

Только смотрите: ничего не пить сегодня. Слышите? Вам вредно пить.²⁹

Ø Escute aqui, nada de bebida hoje. Ouviu? Beber lhe faz mal.³⁰

(11) “A gaivota”

Пустяки. Не нужно только распускать себя и все чего-то ждать, ждать у моря погоды.³¹ (p.151)

Tolices. Ø Não se pode amolecer, não se pode ficar a vida toda na beira da praia, esperando que o tempo melhore.³²

É preciso dizer que na tradução de T. Barbosa nota-se uma tendência a achar em português equivalentes possíveis dos marcadores russos. Os casos de omissão de elementos prag-

24 TCHEKHOV, 1950, p. 203. Grifo nosso.

25 O sinal “Ø” marca a ausência de elemento textual.

26 VAN STEEN, 2008, p. 3. Grifo nosso.

27 TCHEKHOV, 1950, p. 221. Grifo nosso.

28 VAN STEEN, 2008, p. 20. Grifo nosso.

29 TCHEKHOV, 1950, p. 213. Grifo nosso.

30 BARBOSA, 2012, p. 178. Grifo nosso.

31 TCHEKHOV, 1950, p. 151. Grifo nosso.

32 FIGUEIREDO, 2004, p. 86. Grifo nosso.

maticamente relevantes são raros à diferença do que achamos na tradução de Van Steen. Talvez o objetivo de T. Barbosa, que traduzia diretamente do original russo e ao mesmo tempo traduzia as notas do encenador K. Stanislávski, fora conservar, na medida do possível, todas as nuances do texto, o objetivo de E. Van Steen, no entanto, era fazer o texto mais “português”, mais fácil de ler ou de ouvir quando ele fosse reproduzido no palco teatral. Quanto à tradução de R. Figueiredo, são poucos os contextos com a ausência de elementos discursivos, provavelmente isso explica-se pela qualidade do trabalho de um tradutor de russo profissional que segue o princípio de equivalência e adequação na tradução.

3.2.2. Marcador discursivo *просто*

Esse marcador nas peças encontradas tem valor geral de indicar uma coisa no seu estado mais isolado possível (“apenas isso / simplesmente isso”). Esse significado pode ter dois sub-significados parecidos, mas não iguais: 1) “não mais do que isso” (“это просто капризы” – “são simplesmente caprichos”); 2) “não menos do que isso” (“просто безнравственно” – “é simplesmente imoral”). Nas peças analisadas o marcador *просто* aparece com frequência em “As três irmãs” e muito pouco em “A gaivota”.

As duas traduções costumam encontrar equivalências pragmáticas certas e uniformes para o significado “não mais do que isso”, que é mais corrente em russo e, talvez, em português (contexto (12)), principalmente quando o conteúdo referencial não pode ser graduável e tem o valor geral do estado mais isolado possível (como em (13)):

(12) “As três irmãs”

Наташа. Разве есть примета?

Ольга. Нет, просто не идет... и как-то странно...³³

Natacha. Por acaso significa algo ruim?

Olga. Não, não apenas lhe vai terrivelmente mal. Como se...³⁴

33 TCHEKHOV, 1950, p. 215. Grifo nosso.

34 VAN STEEN, 2008, p. 14. Grifo nosso.

Natacha. Dá azar?

Olga. Não, apenas não combina... e é tão excêntrico...³⁵

(13) “As três irmãs”

Так и послала без адреса, просто в Саратов.³⁶ (p.220)

Tivemos de remeter o telegrama sem o endereço, simplesmente a Sarátov.³⁷

Só que não se lembrava do endereço. Remeti apenas a Sarátov.³⁸

Se o marcador *просто* tem o significado “não menos do que isso”, as traduções optam por não traduzir (é a estratégia mais usada na tradução de E. Van Steen) ou por traduzir com os marcadores de reforço do tipo “*realmente*”, “*verdadeiro*”, que refletem perfeitamente as regras da combinação semântica de português mas perdem o significado russo da comparação dinâmica entre as coisas que é notável nos contextos (14) – (16):

(14) “As três irmãs”

Иван Романыч, у вас просто стыда нет!³⁹

Ø O senhor não tem vergonha, Ivan Romanitch?⁴⁰

Iván Romátich, você realmente não tem vergonha!⁴¹

(15) “As três irmãs”

Когда мне случается быть среди учителей, товарищей мужа, то я просто страдаю...⁴²

Quando sou obrigada a estar na companhia de professo-

35 BARBOSA, 2012, p. 190. Grifo nosso.

36 TCHEKHOV, 1950, p. 220. Grifo nosso.

37 VAN STEEN, 2008, p. 20. Grifo nosso.

38 BARBOSA, 2012, p. 260. Grifo nosso.

39 TCHEKHOV, 1950, p. 207. Grifo nosso.

40 VAN STEEN, 2008, p. 6. Grifo nosso.

41 BARBOSA, 2012, p. 130. Grifo nosso.

42 TCHEKHOV, 1950, p. 219. Grifo nosso.

res, colegas do meu marido, isso é um verdadeiro tormento para mim.⁴³

Quando me ocorre estar entre os professores, colegas de meu marido, eu realmente sofro.⁴⁴

(16) “As três irmãs”

[...] в приличном светском обществе ты, я тебе прямо скажу, была бы просто очаровательна, если бы не эти твои слова.⁴⁵

Você é tão bonita, encantaria a todos num ambiente fino, não fossem suas maneiras. Sinceramente.⁴⁶

[...] você encantaria a todos Ø numa alta-roda, se não usasse essas palavras. Estou lhe dizendo.⁴⁷

3.2.3. Marcadores discursivos *все-таки*, *все же*

Os marcadores discursivos *все-таки*, *все же* têm um significado bastante estável em russo e marcam relações de concessão ou adversativas. Esse caráter estável e, digamos, “simples” ou “standardizado” explica a regularidade com a qual muitas vezes aparecem na tradução as locuções do tipo “mesmo assim”, “ainda assim”, “em todo o caso”, como é ilustrado em (17) – (20):

(17) “As três irmãs”

Конечно, не его дело, но все-таки, если хотите, то я, пожалуй, поговорю с ним.⁴⁸

Naturalmente isso não lhe diz respeito, porém mesmo assim, se quiserem falarei com ele sobre isso.⁴⁹

É claro, não é problema dele, mas, mesmo assim, se quiserem eu talvez possa falar com ele.⁵⁰

43 VAN STEEN, 2008, p. 19. Grifo nosso.

44 BARBOSA, 2012, p. 250. Grifo nosso.

45 TCHEKHOV, 1950, p. 225. Grifo nosso.

46 VAN STEEN, 2008, p. 24. Grifo nosso.

47 BARBOSA, 2012, p. 300. Grifo nosso.

48 TCHEKHOV, 1950, p. 234. Grifo nosso.

49 VAN STEEN, 2008, p. 33. Grifo nosso.

50 BARBOSA, 2012, p. 404. Grifo nosso.

(18) “As três irmãs”

Но все же, мне кажется, самое главное и настоящее я знаю, крепко знаю.⁵¹

Porém a mim parece que o principal, o verdadeiro, eu conheço com certeza.⁵²

Mas, em todo caso, me parece que o mais importante e verdadeiro eu sei, tenho convicção.⁵³

(19) “As três irmãs”

Но все-таки лучше пускай диета. Я боюсь.⁵⁴

De qualquer forma é melhor seguir a dieta. Estou com medo.⁵⁵

Mas, em todo o caso, é melhor continuar a dieta... Tenho medo.⁵⁶

(20) “A gaiivota”

Но все-таки я поеду. Я должен поехать.⁵⁷

Irei atrás dela, seja como for. Tenho de ir.⁵⁸

No entanto, os marcadores *все-таки*; *все же* podem não apenas indicar, mas também construir as relações concessivas. Isso quer dizer que, à diferença dos contextos (17) – (20) nos quais os marcadores estão apenas acompanhados da conjunção “но”, que desempenha o valor principal e estabelece as relações lógicas, nos contextos (21) – (23) os marcadores *все-таки*; *все же* criam tais relações graças à sua presença na frase. A omissão dos marcadores discursivos em (17) – (20) não deformaria a organização pragmática do enunciado, o que é uma prova do seu papel secundário, mas a omissão do marcador em (21) – (23) deformaria a organização pragmática:

51 TCHEKHOV, 1950, p. 222. Grifo nosso.

52 VAN STEEN, 2008, p. 21. Grifo nosso.

53 BARBOSA, 2012, p. 272. Grifo nosso.

54 TCHEKHOV, 1950, p. 217. Grifo nosso.

55 VAN STEEN, 2008, p. 17. Grifo nosso.

56 BARBOSA, 2012, p. 222. Grifo nosso.

57 TCHEKHOV, 1950, p. 131. Grifo nosso.

58 FIGUEIREDO, 2004, p. 33. Grifo nosso.

(21) “As três irmãs”

Страдания, которые наблюдаются теперь, – их так много! – говорят все-таки об известном нравственном подъеме, которого уже достигло общество...⁵⁹

Os sofrimentos que vemos hoje em dia – e são tantos! Não deixam de demonstrar Ø uma certa elevação moral já alcançada pela sociedade⁶⁰

Os sofrimentos que hoje se observam – e são tantos! – indicam Ø uma certa elevação moral alcançada pela sociedade⁶¹

(22) “As três irmãs”

Перелетные птицы, журавли, например, летят и летят, и какие бы мысли, высокие или малые, ни бродили в их головах, все же будут лететь и не знать, зачем и куда.⁶²

Os pássaros migrantes, as cegonhas, por exemplo, voam e voam, e, sejam elevados ou mesquinhos os pensamentos que se agitam em sua cabeça, Ø seguirão voando sem se importar com os filósofos que possam existir entre eles.⁶³

Os pássaros migrantes, as cegonhas, por exemplo, voam, voam e sejam os pensamentos levados ou baixos os pensamentos que vagam por suas cabeças, Ø todos eles vão voar sem saber o por quê ou para onde.⁶⁴

(23) “As três irmãs”

Так, мне кажется, если я и умру, то все же буду участвовать в жизни так или иначе.⁶⁵ (p.247)

Tenho a impressão de que mesmo se morresse Ø continuaria a participar da vida de alguma maneira.⁶⁶

59 TCHEKHOV, 1950, p. 209. Grifo nosso.

60 VAN STEEN, 2008, p. 9. Grifo nosso.

61 BARBOSA, 2012, p. 150. Grifo nosso.

62 TCHEKHOV, 1950, p. 222. Grifo nosso.

63 VAN STEEN, 2008, pp. 21-22. Grifo nosso.

64 BARBOSA, 2012, pp. 274-276 Grifo nosso.

65 TCHEKHOV, 1950, p. 247. Grifo nosso.

66 VAN STEEN, 2008, p. 45. Grifo nosso.

Assim, se eu morrer Ø eu vou continuar a participar da vida, de uma maneira ou outra ⁶⁷

A omissão sistemática dos marcadores em traduções (21) – (23) provavelmente deve obedecer às restrições semânticas e pragmáticas do português, que rejeita o uso de marcadores do tipo “mesmo assim” “em todo caso”, embora desde o ponto de vista do discurso russo esses marcadores possam parecer convenientes.

3.2.4. Marcadores discursivos *у МЕНЯ; у НАС; у ВАС*

Esses marcadores ocupam um lugar especial, porque na maioria absoluta de contextos em que eles aparecem a função gramatical deles é de marcar a posseção como em “у меня болит голова” – “tenho dor de cabeça”. Nas peças analisadas o significado possessivo desses marcadores tem alta recorrência e quase sempre tem equivalentes gramaticais ou lexicais do texto em português como em (24):

(24) “As três irmãs”

[...] и тебе странно, когда у меня серьезное лицо.⁶⁸

[...] e agora estranha quando o meu rosto está sério⁶⁹

[...] agora estranha quando estou com um ar sério⁷⁰

Entretanto, os marcadores do tipo *у МЕНЯ; у НАС* podem ter significado específico, que não é a posseção gramatical propriamente dita. O significado pragmático desses marcadores pode ser descrito como “ter a ver com”, “ter relação com”, “dizer respeito a”, em outras palavras, o significado de cumplicidade. É preciso sublinhar que esse significado pragmático não descreve a posseção de uma coisa alienável ou inalienável entendida tradicionalmente, como foi ilustrado em (24). A posseção gramatical é uma categoria universal e tem realizações gramaticalmente obrigatórias e estáveis tanto em russo quanto em português (por exemplo, *МОЙ; МОЯ – о теи; а*

67 BARBOSA, 2012, p. 544. Grifo nosso.

68 ТЧЕКHOV, 1950, p. 205. Grifo nosso.

69 VAN STEEN, 2008, p. 4. Grifo nosso.

70 BARBOSA, 2012, p. 118. Grifo nosso.

minha; estou com; tenho). Já o valor pragmático de “ter a ver com” não é nada obrigatório, como todo valor pragmático, mas não é raro em discurso russo e, como tal, tem sua realização lexical mais ou menos estandardizada em locuções do tipo *у меня; у нас*. Provavelmente, o significado pragmático de cumplicidade não é característico do discurso em português, e por isso ora não está traduzido nas peças analisadas, como em (25) – (28), ora está traduzido só em parte, quando o sentido de *у нас; у вас*, que pressupõe a ideia de “estar relacionado com a situação atual, participantes da situação atual, lugar atual e momento atual”, fica reduzido à indicação apenas de lugar, como em (29) – (31):

(25) “As três irmãs”

(Указывает себе на грудь.) Вот тут у меня кипит...⁷¹

(Aponta para o coração) Ø Aqui dentro ferve algo...⁷²

(Apontando o próprio peito.) Está ardendo Ø aqui⁷³

(26) “As três irmãs”

Il parait, que mon Бобик deja ne dort pas, проснулся. Он у меня сегодня нездоров.⁷⁴

Il parait que mon Bobik déjà ne dort pas, já acordou. Ele não está totalmente bem hoje Ø.⁷⁵

Il parait, que mon Bóbik déjà ne dort pás, acordou. Ø Hoje ele não está bem.⁷⁶

(27) “As três irmãs”

Какой шум в печке. У нас незадолго до смерти отца гудело в трубе.⁷⁷

Que ruído é esse no fogão? Um pouco antes da morte de

71 ТЧЕКHOV, 1950, p. 244. Grifo nosso.

72 VAN STEEN, 2008, p. 43. Grifo nosso.

73 BARBOSA, 2012, p. 516. Grifo nosso.

74 ТЧЕКHOV, 1950, p. 225. Grifo nosso.

75 VAN STEEN, 2008, p. 24. Grifo nosso.

76 BARBOSA, 2012, p. 302. Grifo nosso.

77 ТЧЕКHOV, 1950, p. 220. Grifo nosso.

papai a chaminé fazia o mesmo ruído Ø.⁷⁸

Esse barulho na pêchka. Um pouco antes da morte de nosso pai Ø houve um uivo na chaminé.⁷⁹

(28) “A gaivota”

После сигары или рюмки водки вы уже не Петр Николаевич, а Петр Николаевич плюс еще кто-то; у вас расплывается ваше я [...]⁸⁰

Depois de alguns charutos ou de alguns cálices de vodca, o senhor já não é mais Piotr Nikoláievitch, mas sim Piotr Nikoláievitch acrescido de uma outra pessoa; Ø o seu eu se dilui.⁸¹

(29) “As três irmãs”

Помнишь, Оля, у нас говорили: «влюбленный майор».⁸²

Olga, eu me recordo, dizia-se sempre em casa: “o major apaixonado”⁸³

Lembra Ólia, que em casa falavam do “major apaixonado”⁸⁴

(30) “As três irmãs”

Пусть у нас переночуют...⁸⁵

Hoje vão dormir aqui.⁸⁶

A casa deles quase pegou fogo. Deixe que passem a noite aqui⁸⁷

78 VAN STEEN, 2008, p. 19. Grifo nosso.

79 BARBOSA, 2012, p. 254. Grifo nosso.

80 TCHEKHOV, 1950, p. 134. Grifo nosso.

81 FIGUEIREDO, 2004, p. 43. Grifo nosso.

82 TCHEKHOV, 1950, p. 208. Grifo nosso.

83 VAN STEEN, 2008, p. 7. Grifo nosso.

84 BARBOSA, 2012, p. 140. Grifo nosso.

85 TCHEKHOV, 1950, p. 230. Grifo nosso.

86 VAN STEEN, 2008, p. 30. Grifo nosso.

87 BARBOSA, 2012, p. 362. Grifo nosso.

(31) “A gaiivota”

Сколько у вас перемен, однако! Из гостиной сделали кабинет.⁸⁸

Mas quantas novidades, por aqui! Transformaram a sala de visitas em um escritório de trabalho.⁸⁹

3.2.5. Marcador discursivo português *então*

O marcador discursivo português *então* foi escolhido para a análise pelas seguintes razões: ele é de alta recorrência em português e abrange uma gama de significados tipicamente pragmáticos, entre os mais frequentes podemos destacar, de acordo com S. Silva (2004), o significado de introdução de enunciado de conteúdo conclusivo e o de sinal de continuação de sequência lógica de enunciados (SILVA, 2004, p.97). É de se notar que em russo existe um marcador com funções parecidas: *значит*, mas o uso dele é muito menos frequente. Assim, o marcador *значит* ocorreu 11 vezes no texto russo de “As três irmãs” e 7 vezes em “A gaiivota” e na maioria dos casos foi traduzido como “então” ou “quer dizer”, que consideramos totalmente correto. O marcador português “*então*” ocorreu 24 vezes na tradução de E. Van Steen, 29 ocorrências na tradução de T. Barbosa (“As três irmãs”), quando o texto russo tinha só 12 marcadores de conclusão ou de sequência lógica; “*então*” teve 27 ocorrências na tradução de R. Figueiredo (“A gaiivota”), com 17 ocorrências de marcadores análogos em russo. Tudo isso indica que o discurso em português exige com maior frequência, em comparação com o discurso em russo, a indicação formal de sequência lógica ou de enunciação de conteúdo conclusivo, como é indicado em (32) – (34):

(32) “As três irmãs”

Брат, вероятно, будет профессором, Ø он все равно не станет жить здесь.⁹⁰

88 TCHEKHOV, 1950, p. 152. Grifo nosso.

89 FIGUEIREDO, 2004, p. 88. Grifo nosso.

90 TCHEKHOV, 1950, p. 203. Grifo nosso.

Nosso irmão seguramente se tornará professor universitário, então não irá ficar mesmo aqui.⁹¹

(33) “As três irmãs”

Сегодня, господа, воскресный день, день отдыха, Ø будем же отдыхать, будем веселиться⁹²

Hoje, senhores, é domingo, dia de descanso, então vamos descansar, e vamos nos divertir.⁹³

(34) “A gaiivota”

Все поставили? Ø Я начинаю... Двадцать два!⁹⁴

Todos já apostaram? Então vou começar... Vinte e dois!⁹⁵

Se no texto em russo aparecem marcadores de sequência lógica, eles são muito mais variáveis e não podem ser reduzidos a um modelo léxico universal, como é o “*então*” em português; em russo os equivalentes pragmáticos de “*então*” podem ser *так вот; так; и; ну вот; следовательно*, etc.:

(35) “As três irmãs”

И я с тобой пойду.⁹⁶

Então eu vou com você...⁹⁷

(36) “As três irmãs”

Ты, Маша, здесь, Ирина здесь, ну вот прекрасно – объяснимся начистоту, раз навсегда.⁹⁸

Você está aqui, Macha, Irina também, então – ótimo – vamos esclarecer tudo, de uma vez por todas.⁹⁹

91 VAN STEEN, 2008, p. 3. Grifo nosso.

92 TCHEKHOV, 1950, p. 213. Grifo nosso.

93 BARBOSA, 2012, p. 174. Grifo nosso.

94 TCHEKHOV, 1950, p.156. Grifo nosso.

95 FIGUEIREDO, 2004, p. 97. Grifo nosso.

96 TCHEKHOV, 1950, p. 247. Grifo nosso.

97 BARBOSA, 2012, p. 546. Grifo nosso.

98 TCHEKHOV, 1950, p. 239. Grifo nosso.

99 BARBOSA, 2012, p. 456. Grifo nosso.

(37) "A gaiivota"

Как хочешь. Вместе, так вместе...¹⁰⁰

Como preferir, iremos juntos, então...¹⁰¹

(38) "A gaiivota"

Так вот пусть изобразят нам это ничего.¹⁰²

Pois então que nos mostrem como será esse nada.¹⁰³

4. Considerações finais

1. Apesar das estratégias diferentes utilizadas pelos tradutores, é possível encontrar traços comuns na tradução de marcadores discursivos: se o marcador russo tem equivalências parciais em português (*только; просто*), os tradutores optam pela variante mais típica para o russo, isto é, a mais usada; se não há equivalências fixas, os tradutores seguem estratégias diferentes, uns preferem não usar nenhum marcador, outros servem-se de marcadores mais ou menos parecidos.

2. A frequência de marcadores no texto em original e na tradução não coincide, no texto em russo há mais marcadores do que no texto em português. As explicações são duas: primeiro, o desejo dos tradutores de fazer o texto mais neutro estilisticamente, e os marcadores discursivos usados na oralidade, com certeza, fazem o texto mais informal; segundo, a existência das particularidades gerais do discurso informal em russo, que mais do que o discurso em português está ligado à informação implícita (não pronunciada), que, por sua vez, exige um sistema de marcadores discursivos que ajudam a operar tal informação.

3. O Discurso em português exige com maior frequência do que o discurso em russo a expressão de relações lógicas en-

100 TCHEKHOV, 1950, p. 148. Grifo nosso.

101 FIGUEIREDO, 2004, p. 76. Grifo nosso.

102 TCHEKHOV, 1950, p. 127. Grifo nosso.

103 FIGUEIREDO, 2004, p. 22. Grifo nosso.

tre os enunciados. Esse fator obriga os tradutores a usarem o marcador em português *então* em contextos que não têm equivalências em russo.

4. A figura do destinatário do texto traduzido pode influir nas estratégias de tradução. Se a tradução não é feita do texto original ou se é uma tradução e adaptação, como é o caso da E. Van Steen, então, apesar da precisão na tradução do conteúdo das frases dos personagens, os componentes pragmáticos podem ser reduzidos em muitos casos. Tal estratégia pode ser explicada pelos fins comerciais para os quais a tradução foi feita: se algumas estratégias pragmático-discursivas podem parecer alheias ao discurso em português, elas não aparecem no texto. No entanto, se a tradução foi feita diretamente do original e pretende ser a mais próxima possível dele e pretende guardar as particularidades da linguagem do original, que é o caso da tradução de R. Figueiredo e principalmente da tradução de T. Barbosa, os componentes pragmático-discursivos aparecem no texto traduzido quase sempre, mesmo nos contextos em que a frase em português pode parecer um pouco artificial.

5. Alguns marcadores discursivos de outra língua, assim como os elementos idiossincráticos de outra cultura, por um lado, marcam com cores vivas a realidade linguística alheia (“etnografia da fala” de D. Hymes), mas por outro podem carecer de equivalentes lexicais na língua da tradução, e, ainda que tenham, a frequência deles não deve ser muito alta. A ausência sistemática na tradução de marcadores faz com que o desenho comunicativo, que envolve o jogo do dito e do não dito, fique simplificado demais. Mas a tradução escrupulosa de todos os marcadores pode fazer o texto muito artificial.

6. O caráter variável, pouco estável, dos métodos de tradução de marcadores discursivos, quando um marcador pode ser traduzido por mais de uma variante lexical, mostra o caráter opcional, não obrigatório, do valor pragmático do elemento traduzido na língua da tradução. E vice-versa, a estabilidade lexical, que pode ter o marcador no texto traduzido, indica a sua necessidade e uso regular na língua da tradução.

5. Referências bibliográficas

AUSTIN, John. L. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique française*. Quatrième édition revue et corrigée. Berne: Franke, 1965 (1944).

BARBOSA, Tieza Tissi. *As partituras de Stanislávski para As Três irmãs de Tchekhov: tradução e análise da composição espacial da encenação*. São Paulo: 2012, 598p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

FIGUEIREDO, Rubens. *A gaivota*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

GRICE, Paul (1975). *Logic and conversation*. In Cole, P.; Morgan, J. (eds.). *Syntax and semantics*. Vol. 3: Speech acts. New York: Academic Press. pp. 41–58.

GUMPERZ, John J. Hymes, Dell. (1964). *The Ethnography of Communication*. Special issue of *American Anthropologist*, 66 (6), Part II: 137–54.

HYMES Dell. "The Ethnography of Speaking". In GLADWIN, T. & STURTEVANT (orgs.). *Anthropology and Human Behavior*. Washington, D.C.: Anthropological Society of Washington, 1962

JAKOBSON, Roman (1960). *Linguistics and Poetics*. In T. SEBOK (Ed.), *Style in Language* (pp. 350-377). Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press

LABOV William. *Padrões sociolinguísticos*. (Trad. M. Bagno, M.M. Pereira Schere, C. Rodrigues Cardoso). São Paulo, arábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz. "Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas posições e funções". In: CASTILHO, A. T. (org.) *Português falado culto no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p. 281-322.

PORTOLÉS, José. *Marcadores del discurso*. Barcelona: Ariel, 1998.

RISSE, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de O.; URBANO, Hudinilson. *Marcadores discursivos: traços definidores*. In: KOCH, I. V. Gramática do português falado. Vol VI: Desenvolvimentos, 2002. p. 21-105.

SEARLE, John R. *Speech acts: an essay in the philosophy of language*. Cambridge: CUP, 1969.

SILVA, DUARTE JULIÃO S. *Marcadores discursivos no ensino de português-língua estrangeira (ple) no Brasil*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, 2004.

ТЧЕКHOV, A. *Obras completas. Peças*. V. 10. Moskva: Pravda, 1950.

VAN STEEN, Edla. *Três irmãs*. Rio de Janeiro: Global, 2008. Disponível em: <https://oficinadeteatro.com/conteudotextos/-pecas-etc/pecas-de-teatro/viewdownload/5-pecas-diversas/109-as-tres-irmas>. Acesso em 07/03/2022

БАРАНОВА.Н., ПЛУНГЯНВ.А., РАХИЛИНАЕ.В. Путеводитель по дискурсивным словам русского языка. Москва: Помовский и партнеры, 1993.

КИСЕЛЕВА К., ПАЙАР Д. (Ред.) Дискурсивные слова русского языка: опыт контекстно-сематического описания. Москва: метатекст, 1998.

Recebido em: 23/02/2022

Aceito em: 07/04/2022